

## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ MOVIMENTOS SOCIAIS E ATIVISMOS LGBTI E FEMINISTAS

**Thiago Coacci – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG**  
**Mário Felipe de Lima Carvalho – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ**  
**Tatiana Lionço – Universidade de Brasília, UNB**

A ideia de organizar o dossiê Movimentos Sociais e Ativismos LGBTI e Feministas surgiu como uma maneira de celebrar os 40 anos de existência dos movimentos LGBTI e Feministas no Brasil, ao menos em suas faces institucionalizadas. Esses mitos de origem e datas comemorativas têm sua razão de existir, mas como a própria literatura especializada já vem apontando, é sempre muito difícil falar de origens e estabelecer um momento específico em que surge um movimento social. Há sempre algo que precede e que cria as condições de possibilidade. É justamente nesse ponto que Vestígios de protoativismo LGBTQIA em Belo Horizonte (1950-1996) de Luiz Gonzaga Morando Queiroz busca intervir. Por meio de uma pesquisa em arquivos de jornais e revistas, Luiz demonstra que já havia mobilizações difusas ocorrendo em diversas cidades – e em especial Belo Horizonte – desde a década de 1950.

As raízes das primeiras movimentações e articulações homossexuais também estão presentes no artigo De abusadas a bichas velhas: memória, sociabilidade e amizade no período pré-Movimento Homossexual Brasileiro. Thiago Barcelos Soliva, Marcus Vinicius Silva Santiago-Silva, Marcos Vinicius Nery Damasceno tratam com a devida delicadeza e respeito duas figuras históricas no processo de politização das sexualidade e expressões de gênero dissidentes no Brasil na virada da década de 1960 para 1970.

Maurício Rodrigues Pinto, em A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro, também contribui acrescentando mais uma peça para a história do que chamamos hoje de movimento LGBTI, especificamente do movimento homossexual carioca, ao resgatar a ousada tentativa de criação da FlaGay, uma torcida organizada gay para o time do Flamengo. A FlaGay faria sua estreia no ano de 1979, todavia a simples ameaça de surgimento e presença nos estádios gerou conflitos e um debate nas mídias que revela um pouco do imaginário social que temos sobre o futebol, a masculinidade, a homossexualidade e nossa identidade nacional.

A tentativa de criar uma torcida gay ilustra uma faceta específica do movimento LGBTI que desde seus primórdios compreendeu que a disputa política se dá, também, no campo da cultura, dos significados e por que não das festas? Trabalhando também nessa articulação, Vinicius Alves da Silva em *O Fervo, a Diversidade Sexual e de Gênero e a Pedagogia da Prevenção* apresenta um trabalho etnográfico em festas urbanas de Salvador para compreender a emergência do cuidado e da prevenção ao HIV/AIDS nesses espaços. O autor ainda marca as continuidades e descontinuidades com a politização dos espaços festivos nos primórdios do movimento, assim como as transformações da resposta contemporânea à epidemia do HIV/AIDS.

Essa relação entre doença/cuidados de saúde, moralidades e identidades políticas é trabalhada em detalhes no artigo *A trajetória política do sujeito homossexual na luta por direitos*, de Alexandre Nabor França. O texto marca a passagem politicamente organizada de um sujeito do olhar médico para um sujeito de direitos. Passagem esta que nunca se acaba frente às constantes tentativas de reinscrição das sexualidades e expressões de gênero dissidentes nos marcos da patologia, da imoralidade ou do crime.

Nos últimos anos temos observado um acirramento das disputas pela democracia, os direitos humanos e especialmente os direitos sexuais e reprodutivos. Luan Carpes Barros Cassal nos oferece uma rica reflexão sobre os paradoxos da construção e desmonte das políticas públicas LGBTI no Rio de Janeiro. Luan resgata essa história não para celebrar uma vitória ou chorar um desmonte, mas justamente para se perguntar: o que é dar certo e o que é fracassar em uma política pública como essa? Mesmo que institucionalmente haja um desmonte, o que sobra dessas ruínas? O que fica? O que aprendemos? Seu texto vem em um momento crucial, suas perguntas provocantes provavelmente nos ajudarão a enfrentar os anos vindouros.

No artigo *Movimento feminista no pós-segunda onda: notas teóricas e de campo sobre novas atrizes e práticas do(s) feminismo(s) contemporâneo(s)*, Cyrana Borges Veloso discute, a partir de uma experiência de campo junto à organização da Marcha das Vadias de Belo Horizonte, como o movimento feminista tem se reconfigurado pós-segunda onda, entendida como momento de protagonismo identitário de distintos segmentos de mulheres. Neste sentido, é interessante reconhecer que movimentos sociais se interpelam reciprocamente de modo a mover mudanças significativas. No caso da Marcha das Vadias, estamos tratando de uma nova forma de mobilização social que aglutina diferentes segmentos de mulheres, nem sempre satisfazendo aos anseios

políticos específicos e, desse modo, não sendo um consenso entre os diferentes movimentos de mulheres a pertinência ou não de tal mobilização política. Certamente o movimento de lésbicas, travestis e transexuais, assim como o movimento de mulheres negras, trouxeram novas compreensões sobre política e sobre as estratégias de articulação e mobilização. A perspectiva interseccional surge, então, para alinhar, na medida do possível, o pertencimento de diferentes segmentos de mulheres em um mesmo movimento, consideradas as suas especificidades e também ressalvadas suas adesões e recusas parciais em relação à Marcha das Vadias.

No ano de 2018 perdemos João W. Nery, um dos pioneiros do movimento de homens trans no Brasil. Convidamos Guilherme Almeida e Leonardo Tenório, que conheceram e tiveram a oportunidade de conviver com João, para prestar suas homenagens.

O dossiê se encerra com uma entrevista com Marco José de Oliveira Duarte. Marco atualmente é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, mas foi também um dos fundadores e integrantes do Coletivo Triângulo Rosa no Rio de Janeiro, um dos grupos pioneiros e que marcou a história de nosso país e do ativismo LGBT ao participar do processo da constituinte reivindicando a vedação da discriminação por orientação sexual.

A leitura desse dossiê permite repensar o movimento LGBTI no Brasil a partir de experiências pontuais de mobilização política, rompendo com a intenção de homogeneizar a interpretação sobre o sentido, os propósitos e as estratégias do mesmo. A visibilidade da pluralidade de experiências, incluindo iniciativas locais, é fundamental para que possamos reconhecer diferentes inserções do ativismo LGBTI e feminista, considerando especificidades culturais e geracionais, mas também compreendendo que o ativismo político não se reduz às iniciativas formais de diálogo e interpelação do Estado, consistindo na disputa de modos de vida, em uma esfera propriamente micropolítica. Pode-se dizer, portanto, que os movimentos LGBTI e feminista são também formas de disputa pela existência social, o que se traduz, evidentemente, em uma série de reivindicações de direitos sociais, tais como direito à comunicação, direito à cultura, direito ao lazer, direito à associação, sem demérito para os direitos à saúde, à educação e ao trabalho, mais amplamente discutidos e pautados na história desses movimentos.